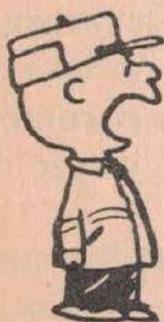


Céus! Minduim
é agora o núcleo de uma
indústria de 20 milhões de
dólares por ano

Você é Boa Praça, Charlie

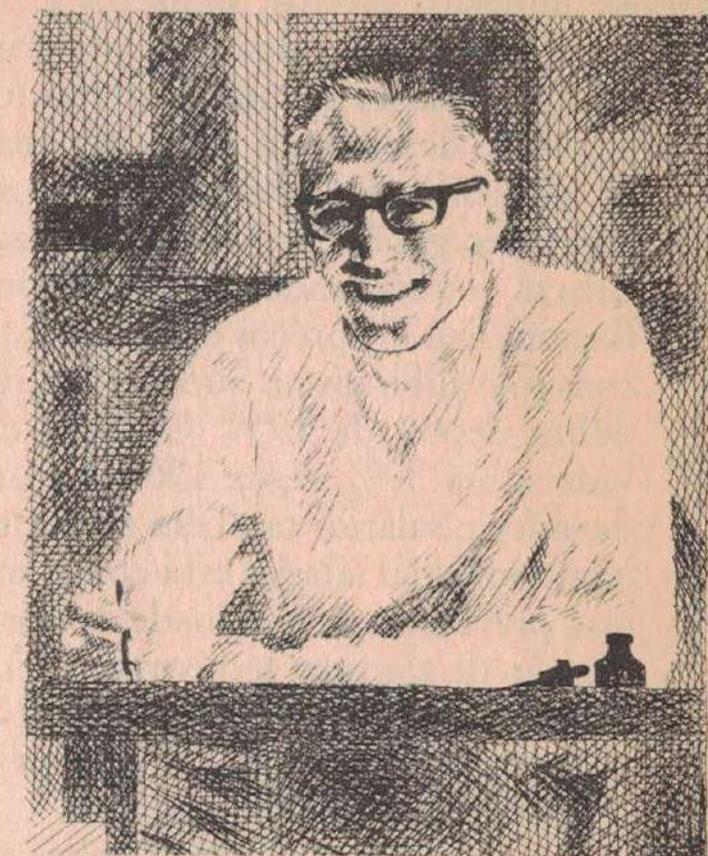


Condensado do Suplemento Dominical do TIMES de Nova York

BARNABY CONRAD

*Autor de "Matador", "Tahiti",
"Encyclopedia of Bullfighting", etc.*

AS HISTÓRIAS em quadrinhos constituem um negócio *razoável*", disse Charles Schulz recentemente. "Você tem de ser *razoavelmente* inteligente, pois, se fôsse *mesmo* inteligente, estaria fazendo outra coisa. Você tem de desenhar *razoavelmente* bem, pois, se desenhasse bem *mesmo*, seria um pintor. Você tem de escrever *razoavelmente*, pois, se escrevesse bem *mesmo*, estaria escrevendo livros. É formi-



dável para quem é *razoavelmente* uma pessoa, como eu."

Para quem é apenas *razoavelmente* uma pessoa, Charles Schulz, criador da história em quadrinhos *Minduim* (Peanuts), promete tornar-se o caricaturista de maior sucesso do mundo. *Minduim*, que é publicado em cerca de 1 000 jornais, conquistou para os seus personagens Luci, Lino, Sujareco e Lingüiça o coração de cerca de 90 milhões de leitores. Os

derivados, tais como discos, filmes, anúncios, suéteres, bonecas, livros, guardanapos para coquetel e outros objetos relacionados com *Minduim*, constituem uma indústria de 20 milhões de dólares por ano.

Uma revista musicada baseada nessa história em quadrinhos é um sucesso atualmente em Nova York; um filme de cartaz, de Hollywood, está programado para breve; Schulz está preparando agora seu quarto desenho especial para televisão. Seus 32 livros *Minduim* venderam um total de 16 milhões de exemplares. Um outro livro, chamado *Happiness Is a Warm Puppy*, foi um sucesso de livraria durante 45 semanas, sendo seguido de cinco livros de títulos semelhantes. *The Gospel According to Peanuts*, coleção de pensamentos teológicos extraídos da história em quadrinhos, tornou-se o maior sucesso de livraria de seu editor—663 000 exemplares até agora.

Charles Monroe Schulz nasceu há 44 anos em Mineápolis, no Estado de Minesota, e desde criança desejou ser caricaturista. Sua infância foi muito semelhante à vida do seu personagem *Minduim*. (Ele confessa que ele e *Minduim* são a mesma pessoa.)

—As pessoas lêem uma porção de coisas naquela história—diz êle.—Mas, na verdade, ela conta apenas as tolices que fiz quando era criança.

Uma vez, êle enterrou o seu time de beisebol, que perdeu um jogo de 40 a zero. No Exército, treinado como metralhador, descobriu, na única vez em que se defrontou com

o inimigo, que esquecera de carregar a arma.

Após a guerra, Schulz conseguiu um emprêgo de letrista numa revista humorística; depois lecionou em



MINDUIM—“É verdade que não tem personalidade”, diz Charles Schulz, “mas gosto dêle. Não pretendia dar-lhe uma cara de fracassado, no princípio; queria apenas que êle tivesse um rosto anônimo, meigo e redondo, enquanto os outros expressassem mais caráter em seus rostos.”

uma escola de arte por correspondência, em Mineápolis. Nesse meio tempo, casou-se com uma môça bonita, de olhos azuis, chamada Joyce Halverson. (Êles têm agora cinco filhos.) Em 1948, vendeu sua primeira história em quadrinhos a uma revista. Depois escreveu uma história semanal, chamada *Li'l Folks*, para o *Pioneer Press* de St. Paul, Minesota, que abandonou depois de um ano. Após ser rejeitada em outros lugares, foi adquirida pelo United Feature Syndicate, e, sob os protestos de Schulz, rebatizada como *Minduim*.

—É estranho—diz êle.—As pessoas não querem ensinar como dese-

nhar ou escrever, mas *todo mundo* é especialista em títulos.

No primeiro mês, Schulz fez 90 dólares com sua história em quadrinhos sob novo título. Alguns meses depois, chegava a 1 000 dólares por mês. Atualmente, seus rendimentos são de cerca de 1 000 dólares por dia.

—Engraçado—diz êle, pensativo. —Nunca pretendi fazer uma história em quadrinhos sobre crianças. Queria apenas ser um bom caricaturista. Sempre sonhei em apresentar um



LUCI—“Garotinhas dessa idade são mais espertas que os garotinhos, e ela sabe disso melhor que a maioria das garotinhas. Mas não é tão esperta como pensa que é. Sob a superfície, existe algo de terno—mas talvez, se você fôr mais fundo, descubra que ela é ainda pior do que parece.”

dia uma idéia ou uma frase permanente, que passasse a fazer parte do idioma. Creio que talvez o tenha conseguido com “Céus!” Ou talvez o título “A Felicidade é...”

—Minha história não depende de variedade nem de novos personagens—continua Schulz.—Conservo praticamente a mesma idéia básica que

tinha há 17 anos. Quero manter a história simples. Gosto quando Minduim observa a primeira fôlha de outono cair, depois vai até ela e diz apenas: “Teve um bom verão?” Gosto quando Lino diz simplesmente: “Chupar o dedo sem cobertor é como comer a casquinha sem sorvete.”

—Gosto de uma história que fiz, inspirada em meus filhos. Estávamos à mesa, e Amy estava falando pelos cotovelos. Finalmente, eu disse: “Não pode ficar quieta, *por favor?*” Ela ficou em silêncio por um instante e depois começou a passar manteiga em uma fatia de pão, perguntando: “Estou passando manteiga muito alto para você?” Dei essa fala a Minduim, depois de Luci gritar com êle.

Quando lhe perguntaram a respeito de Lingüiça, Schulz informou: —Êle não é um cão real, naturalmente. É uma imagem do que as pessoas desejariam que um cão fôsse. Mas tem suas origens em Spike, o cão que tive em garôto. Esperto? Ora, êle tinha um vocabulário de pelo menos 50 palavras. É verdade. Eu dizia para êle ir ao porão e trazer uma barata, e êle o fazia. Tive-o por muitos anos, depois êle morreu.

O rosto de garôto do criador de Lingüiça, sério e sensível, fica anuviado pela lembrança.

Schulz começa seu dia de trabalho às 9h 30m, indo a pé de sua casa espaiada, de um só pavimento, para o estúdio, na sua propriedade de 11 hectares perto de Sebastopol, na Califórnia, cerca de 70 quilômetros ao

norte de São Francisco. Começa por esboçar situações e idéias num bloco de rascunho, tentando conceber o trabalho da semana (os desenhos de seis dias distintos) como um todo. Depois, pega um cartão de ilustração, de cêrca de 70 centímetros, que já vem com as margens de quatro painéis em branco impressas nêle, e escreve a tinta o diálogo. Depois de escrever os seis diálogos, começa a desenhar as figuras e a ação. Prefere

fazer os planos de fundo e as letras —diz êle.—As coisas que mais gosto de fazer são desenhar histórias em quadrinhos e dar tacadas nas bolas de gôlfe. Ora, se eu contratasse alguém para fazer meu trabalho por mim, seria a mesma coisa que arranjar uma pessoa para bater a minha bola de gôlfe. Mas talvez eu venha a ser obrigado a fazer isso.

Lançou um olhar ameaçador à secretária, quando ela trouxe uma nova pilha de correspondência.

Na propriedade de Schulz há uma estrebaria, um gato, um cachorro e um cavalo para cada criança, uma grande piscina, uma quadra de tênis, um quadrado de beisebol e um campo de gôlfe de quatro buracos. Golfista que normalmente joga na casa dos 70, êle tenta jogar uma vez por semana, mas à proporção que seu sucesso cresce e a carga de trabalho aumenta, vai jogando cada vez menos partidas.

Uma das coisas para as quais êle consegue encontrar tempo é a religião. Aos domingos, dá aulas de religião e sôbre o Evangelho na sua própria cidade de Sebastopol (“sômente para adultos—jamais poderia ensinar aos filhos dos outros”).

Um dos fatores da popularidade de Schulz entre pessoas de tôdas as idades é o contrôle magistral que tem do ponto até onde deve chegar a fantasia. Por exemplo, a casinha de Lingüiça está sempre de perfil; nunca a vemos numa perspectiva de três-quartos ou entramos de fato em seu interior. Por isso, podemos acei-



LINO—“Êle é o mais brilhante, mais promissor e prático”, observa Schulz. “Mas, por outro lado, tem aquêle cobertor.”

desenhar diretamente com uma pena, com um mínimo de linhas de orientação a lápis.

Leva cêrca de uma hora para desenhar a história de um dia. A página inteira de domingo leva um dia todo.

—Acho que sou o único caricaturista que não tem um ajudante para



LINGÜIÇA—“Ele tem suas origens em Spike, o cão que tive quando era criança. Branco, com malhas pretas. Foi o cão mais impetuoso e mais inteligente que já vi.”

tar simplesmente que Lingüiça tem lá dentro um Wyeth, um Van Gogh e uma mesa de bilhar.

Outro fator é o sentido infalível de Schulz do que é sutilmente cômico. A história mais popular que já fez até hoje é uma em que os garotos aparecem olhando formações de nuvens e Lino diz: “Aquela nuvem lá parece um pouco o perfil de Thomas Eakins, o famoso pintor. E aquelas lá lembram-me o mapa de Honduras Britânica. E aquele grupo lá adiante me dá a impressão do apedrejamento de Estêvão... Posso

ver o Apóstolo Paulo de pé, um pouco para o lado.” Aí Luci diz: “Hum. Muito bem. O que *você* vê nas nuvens, Minduim?” E Minduim diz: “Bem, eu ia dizer que via um patinho e um cavalinho, mas mudei de idéia.”

Muitos psiquiatras, que cobram muitíssimo mais do que os 15 centavos de dólar por consulta que cobra Luci van Pelt, têm tentado analisar o atrativo especial de *Minduim*. Minha própria conclusão é que Schulz ainda sente a perda do seu cão Spike (bem como a perda de sua infância) e é capaz de traduzir essa longa lembrança e profundo sentimento em palavras e figuras que alcançam quase todo o mundo. Existe um pequeno Minduim em todos nós, homens, e, Deus sabe, todos já conhecemos uma Luci, uma pequena que grita: “Não quero saber de coisas tristes ou depressivas—só quero boas notícias, otimismo, alegria.”

Assim, freqüentemente a história toca em sentimentos que nos lembram de coisas e acontecimentos domésticos que pensávamos haver esquecido. Ou tivemos uma infância como aquela, ou gostaríamos de ter tido.



UMA PROFESSORA de escola dominical pediu aos alunos da sua classe que contassem a história da criação. Comentou uma garotinha:

“Primeiro Deus criou Adão. Depois olhou para ele e disse: ‘Acho que posso fazer coisa melhor se tentar de novo.’ E criou Eva.”